



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA UFSC
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO CCE
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO**

Pâmela Carbonari Paludo

Mal de amor: a dependência e a obsessão das mulheres que amam demais

**RELATÓRIO TÉCNICO
do Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à disciplina de *Projetos Experimentais*
ministrada pela Prof^ª. Gislene Silva
no segundo semestre de 2014
Orientadora: Prof^ª Daisi Vogel**

**Florianópolis
Dezembro de 2014**

Destruição

Os amantes se amam cruelmente
e com se amarem tanto não se veem:

Um se beija no outro, refletido.
Dois amantes que são? Dois inimigos.

Amantes são meninos estragados
pelo mimo de amar: e não percebem
quanto se pulverizam no enlaçar-se,
e como o que era mundo volve a nada.

Nada, ninguém. Amor, puro fantasma
que os passeia de leve, assim a cobra
se imprime na lembrança de seu trilho.

E eles quedam mordidos para sempre.
Deixaram de existir, mas o existido
continua a doer eternamente.

Carlos Drummond de Andrade

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que, de alguma maneira, estiveram envolvidos e me apoiaram na realização deste Trabalho de Conclusão de Curso.

Fica aqui a minha gratidão aos meus pais, Angelo e Rejane, pelo carinho incondicional, pelo zelo, por terem me dado suporte sempre que necessário e pela constante crença na educação como legado maior.

Aos meus amigos e familiares, pelo companheirismo, pela compreensão nos momentos de ausência e pelo apoio durante toda a graduação. Um obrigada especial, à minha sempre amiga Rebecca Caron, pela disposição e o cuidado na confecção gráfica desta reportagem.

Meus agradecimentos à professora Daisi Vogel, pelos apontamentos precisos, pelas sugestões e pelo incentivo ao longo do semestre de orientação.

Por fim, agradeço às mulheres do MADA pela sinceridade e o desprendimento com que abriram suas vidas e permitiram que este trabalho se tornasse possível.

Ficha do TCC

FICHA DO TCC		Trabalho de Conclusão de Curso - JORNALISMO UFSC		
ANO	2014.2			
ALUNO (A)	Pâmela Carbonari			
TÍTULO	Mal de amor: A dependência e obsessão das mulheres que amam demais			
ORIENTADOR	Daisi Irmgard Vogel			
MÍDIA	<input checked="" type="checkbox"/>	Impresso		
	<input type="checkbox"/>	Rádio		
	<input type="checkbox"/>	TV/Vídeo		
	<input type="checkbox"/>	Foto		
	<input type="checkbox"/>	Web site		
	<input type="checkbox"/>	Multimídia		
CATEGORIA	<input type="checkbox"/>	Pesquisa Científica		
	<input type="checkbox"/>	Produto Comunicacional		
	<input type="checkbox"/>	Produto Institucional (assessoria de imprensa)		
	<input type="checkbox"/>	Produto Jornalístico (inteiro) (X)	Local da apuração: Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre.	
	<input checked="" type="checkbox"/>	Reportagem livro-reportagem() livro de perfil ()	(.) Florianópolis () Santa Catarina (X) Região Sul	() Brasil () Internacional
ÁREAS	Reportagem, MADA, mulheres, dependência, amor			
RESUMO	Este Trabalho de Conclusão de Curso em forma de grande reportagem impressa traz histórias de mulheres que participam do grupo de apoio MADA (Mulheres que Amam Demais Anônimas) e mostra de que forma se dá a atuação dele na vida dessas mulheres. Como fonte, as frequentadoras, profissionais especializados em saúde mental e pesquisadores das patologias relacionadas aos problemas que elas desenvolvem. Embora ocorram mais de 45 encontros semanais do MADA em todo o país, durante a apuração, a reportagem acompanhou reuniões nas cidades de Curitiba e Porto Alegre.			

SUMÁRIO

1 RESUMO	6
2 CONTEXTO	7
3 JUSTIFICATIVAS DO TEMA E DA MÍDIA	11
4 PROCESSO DE PRODUÇÃO	13
4.1 PESQUISA E PRÉ-APURAÇÃO	13
4.2 APURAÇÃO	15
4.2.1 FONTES	17
5 PRODUÇÃO TEXTUAL	18
5.1 REDAÇÃO E REVISÃO	18
5.2 ESTILO DO TEXTO.....	29
5.3 EDIÇÃO E DIAGRAMAÇÃO	20
5.3.1 ORÇAMENTO	20
6 IMPRESSÃO	21
7 DIFICULDADES E APRENDIZADOS	22
8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	24

1 RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso em forma de reportagem impressa traz histórias de mulheres que participam do grupo de apoio MADA (Mulheres que Amam Demais Anônimas) e mostra de que forma se dá a atuação dele na vida dessas mulheres. Como fonte, as frequentadoras, profissionais especializados em saúde mental e pesquisadores das patologias relacionadas aos problemas que elas desenvolvem. Embora ocorram mais de 45 encontros semanais do MADA em todo o país, durante a apuração, a reportagem acompanhou reuniões nas cidades de Curitiba e Porto Alegre.

Palavras-chave: MADA, amor, dependência, obsessão, recuperação.

2 CONTEXTO

Desde 1994 atua no Brasil o grupo de apoio para mulheres, MADA (Mulheres que Amam Demais Anônimas). O grupo tem como objetivo primordial promover a recuperação de mulheres que apresentam algum tipo de dependência e/ou obsessão em seus relacionamentos e ensiná-las a se relacionar de forma saudável consigo mesmas e com os outros. Para isso, o MADA realiza mais de 45 encontros semanais no Brasil, em 11 estados e no Distrito Federal, e uma reunião semanal em Lisboa, Portugal, e três em Caracas, na Venezuela.

O MADA se autodenomina “grupo de apoio” e não uma terapia de grupo, pois os encontros baseiam-se na troca de experiências pessoais sem acompanhamento profissional, de acordo com a prática do programa de recuperação de 12 Passos e 12 Tradições do Alcoólicos Anônimos - adaptado para as especificidades do MADA. Além das reuniões semanais, oferece palestras informativas em empresas, instituições de ensino, congressos, hospitais, rádios, instituições correcionais, varas de família, entre outras entidades. O grupo não possui caráter religioso e não cobra nenhum tipo de taxa de suas frequentadoras.

O MADA nasceu do livro "Mulheres que Amam Demais", de 1985, da americana Robin Norwood. A psicóloga e terapeuta familiar Norwood escreveu o *best seller* a partir de sua experiência e da experiência de centenas de mulheres envolvidas com dependentes químicos. Ela percebeu um padrão de comportamento comum e as chamou de "mulheres que amam demais". No último capítulo do livro, Norwood sugere a abertura de grupos para tratar da doença de amar e sofrer demais.

Esse livro é escrito com um propósito bastante específico: ajudar as mulheres com maneiras ou sentimentos destrutivos a reconhecerem o fato, a compreenderem a origem desses sentimentos e a obterem os instrumentos para modificarem suas vidas. Que este livro não ajude apenas a se tornarem mais conscientes da realidade de sua condição, mas também as encoraje para mudar, retirando sua atenção afetuosa de sua obsessão por um homem e colocando-a na própria recuperação e na própria vida. (NORWOOD, 1985, p.14)

Como o nome sugere, as reuniões são permitidas única e exclusivamente para mulheres que se definem como dependentes de relacionamentos destrutivos e/ou viciadas em relacionamentos amorosos. Esta restrição não determina que as mulheres sejam as únicas a “amar demais”. De acordo com Norwood(1985), alguns homens também se comportam assim e os sentimentos dessa natureza são oriundos dos mesmos tipos de vivências e dinâmicas da infância. No entanto, a maioria dos homens que foram

afetados durante a fase pueril não desenvolve vícios ligados a relacionamentos, e sim à atividades mais impessoais que pessoais – devido, principalmente, a fatores culturais e biológicos, a tendência é se tornarem obcecados por trabalho, *hobbies* e/ou esportes. A neuropsiquiatra da Universidade da Califórnia e fundadora do Women's and Teen Girls' mood and Hormone Clinic, Louann Brizendine defende em seu livro que o cérebro feminino é tão profundamente afetado pelos hormônios que é possível dizer que sua influência cria a realidade de uma mulher.

Não existe cérebro unissex. Ela nasceu com um cérebro feminino, que veio completo com os próprios impulsos. As meninas já nascem moldadas como meninas e os meninos, como meninos. Seus cérebros são diferentes já no momento do nascimento, e são seus cérebros que orientam seus impulsos, valores e até sua realidade. O cérebro molda a forma como vemos, ouvimos, sentimos cheiro e sabor. Mas não é como se todos nós tivéssemos começado com a mesma estrutura cerebral. Os cérebros de homens e mulheres são diferentes por natureza. (BRIZENDINE, 2006, p.12)

A primeira reunião do Grupo MADA no Brasil foi realizada em 16 de abril de 1994, em São Paulo, no bairro Jardins, por uma mulher casada com um dependente químico. Cinco anos depois, a cidade do Rio de Janeiro começou a realizar encontros nos mesmos moldes.

Hoje, no Brasil, funcionam cerca de 17 tipos de grupos de ajuda mútua. O Alcoólicos Anônimos foi o pioneiro, em 1947, mas a partir dos anos 1990 foram criados vários outros grupos anônimos, principalmente os relacionados à dependência de temas como amor e sexo.

Além do MADA, alguns exemplos que se adaptaram aos 12 passos do Alcoólicos Anônimos são: Neuróticos Anônimos, Psicóticos Anônimos, Introversos Anônimos, Comedores Anônimos, Narcóticos Anônimos, Devedores Anônimos, Jogadores Anônimos, Fóbicos Anônimos, Al-Anon (Entidade de Apoio aos Familiares e Amigos de Alcoólatras), Fumantes Anônimos, entre outros. Em “O Espírito da Dádiva”, Godbout (1999) reflete sobre a atuação de grupos anônimos de ajuda mútua em que a solução dos próprios problemas se encontra no gesto de ajuda a terceiros com problemas semelhantes.

Diferentemente dos grupos em que o problema está relacionado a algo material como uma substância química, droga ou hábito que necessite de um objeto físico, o MADA auxilia mulheres a curar algo imaterial, um sentimento, o “amor excessivo”. Na verdade, essas mulheres são viciadas em dor e no caos que seus relacionamentos se transformam. A relação homem-mulher é apenas uma faceta da postura doente que algumas delas desenvolvem. A maioria vem de lares desajustados (pais alcoólatras,

dependentes químicos, abusivos, violentos), e isso faz com que repitam comportamentos nascidos desses traumas com várias pessoas de seus círculos sociais – companheiros, amigos, familiares, colegas de trabalho, etc.

As frequentadoras do MADA relatam histórias de “amor Eros” permeadas de obsessão, dependência, sofrimento e opressão. E é buscando mudar este cenário que participam do grupo. Partindo das denominações gregas revistas por Norwood(1985), existem dois termos capazes de exprimir o que chamamos de amor. O primeiro é “Eros”, em que a profundidade do amor é medida pela intensidade da obsessão pela pessoa amada. Já em “Agape”, a profundidade do amor é medida pela intensidade da confiança e do respeito mútuo.

Há um grau de dependência doentia em que acreditamos não sermos nada sem o outro, em que essa outra pessoa é tão imprescindível para nossa sobrevivência quanto um respirador artificial quando falta oxigênio. É um tipo de vínculo no qual “nos injetamos em alguém”. A relação apresenta-se então com os mesmos efeitos do impulso para o cocainômano, da ingestão pra o obeso, da tragada para o fumante, do copo para o alcoólatra, da aposta para o jogador. Não se consegue viver sem ele e, ao mesmo tempo, é o caminho do inferno. Assim, a dependência leva algumas pessoas a ficarem posicionadas num lugar propício à violência emocional que pode terminar em doença, loucura ou morte. (FAUR, 2008, p.19)

Paralelo ao vício afetivo, muitas delas desenvolvem distúrbios e patologias como consequência de seus relacionamentos. Na literatura médica, há casos de MADAs com distúrbios alimentares (como bulimia e anorexia), úlceras, dermatites, depressão, síndrome do pânico etc. No livro “Quem ama não adoece”, o médico pernambucano Marco Aurélio Dias da Silva faz um paralelo entre a condição emocional e física de seus pacientes e constata que pessoas felizes, com relações saudáveis não adoecem com facilidade. Silva (2000) também faz menção a maiores manifestações de dor e doenças psicossomáticas em mulheres e à criação de um comitê especial para o estudo da dor em mulheres na Associação Internacional para Estudos da Dor, em Seattle, nos Estados Unidos.

Há dores que somente as mulheres podem sentir, como é o caso da dor do parto, da cólica menstrual etc. As doenças que têm a dor como expressão essencial são muito mais frequentes e intensas em mulheres. Creio que a explicação mais plausível para o fato seria a mesma dada no capítulo sobre depressão, da qual, aliás, a dor pode ser uma forma mascarada: o condicionamento cultural. Assim, com relação às mulheres, há maior aceitabilidade social para utilização da queixa de dor física como expressão de seus conflitos interno, particularmente àqueles ligados à esfera sexual. Os homens, por “terem de ser fortes”(?), não encontram espaço para esse caminho e recorrem à violência, ao álcool, às drogas e também à promiscuidade sexual e ao “dom-juanismo”.(SILVA, 2000, p. 203)

Considerando os aspectos apresentados sobre o MADA, esta grande reportagem em texto se propõe a mostrar o trabalho de ajuda mútua destinado às Mulheres que Amam Demais através das histórias por elas narradas; discutir os temas relacionados à irmandade como dependência, obsessão, co-dependência, uso de medicamentos, depressão, etc; e verificar se o grupo alcança os objetivos de tirar estas mulheres de seus relacionamentos conjugais destrutivos e recuperá-las emocionalmente.

Pelo fato da irmandade ser gerida por pessoas que precisam dela (também são MADAs), muitas unidades acabam tendo problemas de gestão ocasionados pelos mesmos motivos que as levam a procurar ajuda: excesso de controle ou ausência absoluta dele. Uma das consequências disso é a falta de coesão e diálogo entre os grupos. Exemplo visível é o site oficial do MADA: arcaico e desatualizado. Outra decorrência é a (quase) impossibilidade de realizar estudos numéricos sobre o grupo. Não existe nenhuma pesquisa ou estimativa sobre ele ou que assegure a eficácia do tratamento proposto pelo MADA. Partindo dessa perspectiva de carência de dados críveis sobre a irmandade em questão, a reportagem não se propôs a certificar os métodos utilizados pelo grupo, mas a apresentá-los e, de alguma maneira, questioná-los. Como explicitado no parágrafo acima, o enfoque principal está na apresentação do grupo através das histórias e na discussão dos temas relacionados.

Durante o processo de apuração, a reportagem acompanhou reuniões do MADA em Porto Alegre e Curitiba para identificar a dinâmica de funcionamento do grupo e, em Florianópolis, a apuração foi voltada à interrupção das reuniões. Do contato e recolhimento de relatos, observou-se quem são as frequentadoras, suas trajetórias, como começaram a participar do grupo e de que maneira o MADA colabora na melhora de suas condições emocionais. Visando compreender como se dá o processo de recuperação dessas mulheres, foram feitas entrevistas com as coordenadoras dos grupos e com profissionais especializados em saúde mental e das patologias que, por vezes, as MADAs desenvolvem.

3. JUSTIFICATIVAS: ESCOLHA DO TEMA E DA MÍDIA

Uma das características primordiais do jornalismo é a possibilidade de buscar, a partir de fatos, acontecimentos e comportamentos, pautas que permitam uma abordagem crítica, ampla e pertinente, e cuja relevância persista à passagem do tempo. Temas relacionados à dependência e à saúde emocional geralmente recebem uma angulação associada à prevenção, ao alerta, e raramente promovem a análise das causas, os detalhes do tratamento e como segue a vida de um indivíduo dependente após algum tipo de processo de reabilitação. Outra particularidade do jornalismo diz respeito ao ineditismo sendo, inclusive, critério de noticiabilidade elencado por Lage (2001), em que a raridade de um acontecimento é fator essencial para o interesse que desperta.

Pensando nisso e ciente da responsabilidade social inerente à atividade jornalística, escolhi fazer uma grande reportagem impressa sobre o MADA. São mais de 45 reuniões semanais em todo o país a fim de auxiliar mulheres a conviverem e a tratarem os sentimentos de dependência e obsessão que nutrem por seus parceiros, e há pouco material sobre o assunto. O MADA aparece com frequência em artigos de psicologia, antropologia, psiquiatria e livros de autoajuda. No meio jornalístico, porém, restringe-se a breves relatos das histórias pessoais das frequentadoras ou à mera citação da existência do grupo.

Na televisão, o MADA foi tema da novela “Mulheres Apaixonadas”, exibida em 2003, pela Rede Globo. Na trama, a personagem de Giulia Gam passou a frequentar as reuniões do grupo por causa do ciúme doentio que sentia pelo marido. Em novembro deste ano, o livro de perfis “Eu Que Amo Tanto” escrito pela jornalista Marília Gabriela foi (mal) adaptado para uma série especial de quatro episódios no programa dominical “Fantástico”, da mesma emissora.

A escolha do tema baseia-se, portanto, em vários aspectos. O primeiro deles refere-se ao ineditismo, à escassez de materiais jornalísticos de qualidade sobre um grupo que está presente em 15 capitais do país. O segundo motivo, apesar de em parte ser consequência do primeiro, é pessoal, a curiosidade, o interesse humano. Como o MADA pode auxiliar suas frequentadoras sem a participação de um profissional? Qual o impacto do trabalho desenvolvido pelo MADA na vida de suas frequentadoras? Quais são suas particularidades? Como as mulheres chegam para procurar ajuda em um grupo de apoio a dependentes, que diferente do Alcoólicos Anônimos ou do Narcóticos, não tem como foco algo material como a bebida ou o tabaco, mas sentimental- o amor, a

auto sabotagem, a rejeição? E por último, mas não menos importante dos motivos: a força das histórias. Contar histórias não é um ofício restrito aos romancistas. Para mim, ser jornalista é ter (e desenvolver sempre) a capacidade, senão o dever, de contar boas histórias que, por vezes, possam ganhar destaque sobre as literárias por serem verdadeiras, fortes e reais.

São notícias que continuam sendo notícia, poderia dizer quem quisesse recorrer à fórmula célebre do poeta Ezra Pound para definir literatura. Mas não se trata, fique claro, de literatura, esse território onde o escritor está autorizado a se mover com a ilimitada liberdade de um deus que espalhasse galáxias no vazio do Universo. Não há nada que não tenha sido pinçado da realidade e exaustivamente checado e conferido antes de baixar ao papel. É jornalismo. (WERNECK, 2004, p.524)

A associação com a literatura é inegável. Os relatos das frequentadoras são permeados por trauma, medo, humilhação e falta de amor próprio. O potencial literário dessas histórias e do tema “amor” é bastante vasto, visto que já chegam carregadas de drama e, muitas vezes, contadas pelas próprias MADAs com uma incrível riqueza de detalhes. Não cometerei a arrogância de tratar o texto como “Jornalismo Literário”, termo discutível aos olhos de Wolfe (2005), embora tenha tentado escrevê-lo com cuidado, quebrando as peças (e a cabeça) para que o mesmo tivesse ritmo, musicalidade e envolvesse o leitor. De qualquer modo, por mais parecidas com personagens de Goethe ou Nelson Rodrigues que elas sejam, as MADAs são reais e foi com realismo que tentei transmitir suas trajetórias, sem romantismos, preconceitos ou idealizações.

Porém, faltavam dados e fatos que tornassem a pauta relevante neste momento e contexto. O MADA existe no Brasil desde 1994, por que discuti-lo agora? Além dos fatores acima citados, há razões científicas. Um estudo da Universidade de Piza, na Itália, constatou que pessoas apaixonadas e indivíduos portadores de Transtorno Obsessivo Compulsivo dividem o mesmo tipo de pensamento, comprovando assim que o amor pode se tornar um vício. E cientistas da Universidade de Oxford, na Inglaterra, publicaram um artigo na revista científica “The American Journal of Bioethics”, em que propõem o uso de medicamentos para interromper a evolução da paixão e impedir a criação de laços afetivos.

Por esses motivos, a grande reportagem em formato impresso com uma abordagem crítica, porém focada no lado humano, justifica-se pelo ineditismo e pela intensidade (Lage, 2001), ambos valores notícias eleitos pelo autor. A escolha pelo impresso ocorreu, primordialmente, devido ao meu interesse pessoal pela escrita, pela arquitetura das frases, pelo conflito descrito pelo escritor belga/argentino, Júlio

Cortázar: “Escrever é uma luta contínua com a palavra. Um combate que tem algo de aliança secreta”.

Reflexões à parte, a mídia impressa deveu-se também a fatores práticos. Como o próprio nome diz, o MADA é um grupo anônimo e o sigilo das identidades faz parte de seus códigos básicos de conduta. As reuniões não podem ser filmadas, gravadas ou fotografadas, o que, logicamente, exclui os suportes jornalísticos de vídeo, áudio e foto. Enquanto isso, o texto garante anonimato às frequentadoras, cujos nomes presentes na reportagem estão alterados. Vale ressaltar que tais modificações destinam-se somente às MADAs, as outras fontes foram identificadas com os verdadeiros nomes.

4. PROCESSO DE PRODUÇÃO

4.1 Pesquisa e pré-apuração

Minha ideia anterior à disciplina de Técnicas de Projetos em Comunicação era produzir uma série de perfis de frequentadores do Alcolicos Anônimos. Porém, quanto mais lia sobre o assunto, mais via que meu trabalho não seria relevante, há muito material de qualidade sobre o A.A. Frustrada com o tema que talvez não iria trazer muito de novo ou relevante, tomei conhecimento de grupos que seguiram a estrutura do A.A e, assim, cheguei ao MADA.

Desde o princípio da disciplina de Técnicas de Projeto, pesquisei sobre o grupo e os temas a ele relacionados em Trabalhos de Conclusão de Curso, dissertações de mestrado, livros de psicologia, sociologia e neurociência. Anotei as considerações mais relevantes de cada um para, posteriormente, abordar na reportagem ou entrar em contato com seus respectivos autores. Depois de ler o livro “Mulheres que Amam Demais”, da psicóloga e terapeuta familiar Robin Norwood, li a dissertação de mestrado em psiquiatria da brasileira Eglacy Sophia. A pesquisa desenvolvida em 2008, na USP, “Amor patológico: aspectos clínicos e de personalidade” é uma das principais referências no assunto aqui no país e foi de extrema importância para a realização desta reportagem. Através dela, conheci teorias e autores fundamentais para o desenvolvimento deste TCC.

O fato de ter anotado os tópicos que mais me chamavam a atenção e suas respectivas páginas facilitou bastante a apuração, a escrita do relatório e do trabalho em si. Durante o primeiro semestre de 2014, montei um cronograma que tentei seguir durante a execução da reportagem. Ao longo do processo, percebi que o cronograma

inicial estava um tanto utópico. Mesmo em discrepância com a realidade, a antecedência do planejamento foi fundamental para a realização deste trabalho, principalmente no que se refere à leitura de livros, teses e pesquisas sobre o tema e à dificuldade com as fontes.

O processo de pré-apuração foi desenvolvido ao longo de todo semestre de 2014.01. As primeiras tentativas de contato com os grupos MADA de Porto Alegre, Curitiba e Florianópolis não foram muito profícuas. No site oficial, há o e-mail, o endereço e o horário das reuniões dos grupos. Sendo assim, enviei e-mails para cada um deles. As respostas que obtive foram evasivas ou negativas, como a mensagem a seguir recebida no dia 5 de julho:

*“Cara Pâmela,
Uma das características do MADA é, exatamente, a confidencialidade das participantes e dos assuntos tratados. E, por isso, as reuniões são restritas às pessoas que fazem parte do grupo. Dessa forma, atividades como essa que vc está realizando não são exatamente o foco do nosso trabalho. Sugerimos que vc se dirija a uma outra entidade para realizar o seu trabalho.
Cordialmente,
Mada Independência - Poa/RS”*

Vendo que não obteria resultados por e-mail, mudei de estratégia. As reuniões dos grupos acontecem em locais alugados e independentes da irmandade, como sedes de igreja, associação de moradores, Cruz Vermelha etc. Pesquisei os telefones desses lugares e liguei à procura das coordenadoras de cada unidade. Foram várias interpelações até conseguir os números pessoais dessas mulheres. Entrei em contato com elas no final de julho e marquei os dias em que acompanharia as reuniões. Apesar das inúmeras ressalvas quanto ao anonimato das participantes, consegui as autorizações.

Em Santa Catarina, a ordem foi diferente. Como as reuniões em Florianópolis estão suspensas, não havia um endereço que eu pudesse recorrer à procura da antiga coordenadora. Soube que até o ano de 2010, as reuniões aconteciam na Escola Estadual Francisco Toletino. Conversei com funcionários que trabalhavam na escola durante o período em questão, mas ninguém sabia sobre o paradeiro da organizadora. Mesmo assim, pedi para que ficassem com meu contato caso alguém soubesse dela. Um mês depois, uma funcionária me ligou e informou o número de Andrea (No texto, Carla), a coordenadora do extinto grupo.

4.2 Apuração

A primeira entrevista aconteceu em 27 de julho em Porto Alegre, no grupo MADA Independência. Não apenas por ser a estreia, mas considero essa a entrevista mais significativa, porque pude acompanhar a primeira ida de uma participante (Clarice) ao MADA. As percepções iniciais, o relato completo de sua trajetória e expectativas de recuperação. Nesta reunião, a coordenadora apresentou a mim e à novata a estrutura do grupo, a literatura utilizada e as diferentes dinâmicas da reunião. Além disso, para que Clarice se sentisse mais à vontade e acolhida, contou diversos casos do grupo e histórias que confirmam a necessidade dela própria participar do MADA.

Respeitando as pré-determinações estabelecidas, não pude gravar, anotar nem fotografar durante a reunião. Os nomes também deveriam ser modificados. Após o término do encontro, conversei individualmente com Clarice e com a coordenadora. Tentei utilizar o gravador, mas percebi que não se sentiam à vontade para falar de maneira franca como falaram no decorrer da reunião, optei então por entrevistá-las apenas com papel e caneta. Depois que saí, anotei imediatamente as minhas impressões sobre os relatos, o ambiente e as participantes para auxiliar em futuras descrições. As fotos do local foram tiradas antes das participantes chegarem.

Em 26 de agosto, fui a outra reunião do MADA em Porto Alegre, desta vez em um grupo diferente, no bairro Glória. Duas semanas depois, em 23 de agosto, fui a São Paulo para o I Seminário do MADA, voltado para profissionais da saúde e estudantes. O evento discutiu doenças mentais relacionadas ao sofrimento amoroso, espiritualidade e noções sobre a lei Maria da Penha. Apesar das MADAs que conheci durante aquele sábado não terem concordado em participar da reportagem, as discussões e as histórias lá narradas foram de suma importância para meu entendimento do grupo, do amor patológico como uma doença social e dos problemas das mulheres que frequentam o MADA.

No final de semana seguinte, fui a Curitiba e acompanhei uma reunião de serviço. Diferente das demais, esta se destina a discutir assuntos práticos relacionados à irmandade. Considero fundamental ter participado dessa reunião, porque foi minha chance de vê-las conversando sobre outras coisas que não suas agruras pessoais, “se relacionando”, tentando resolver problemas internos. 26 mulheres estavam presentes e a reunião durou mais de duas horas: tudo foi posto em pauta, inclusive a minha presença

ali. Foi uma sabatina para legitimar minha participação, a troca do local de encontro, o aluguel, a hora do intervalo, o material de estudo, as formas de receber uma nova MADA, as bolachas, o café etc. Mais uma prova de que os problemas conjugais relatados por elas são apenas um dos aspectos de suas doenças.

Depois de todas as reuniões de que participei, entrei em contato com algumas MADAs para me certificar sobre alguns dados e/ou conseguir outras informações. Também apliquei um questionário (cerca de 15 perguntas) para reconhecer alguns comportamentos específicos como uso de medicamentos, traumas infantis e visão crítica sobre o grupo. Nem todas as entrevistadas responderam ao questionário, apenas as que não se mostraram favoráveis a uma entrevista após a reunião ou cujas informações obtidas durante as entrevistas não faziam menção a esses temas.

Na primeira semana de setembro, fiz entrevistas com pesquisadores e médicos. Uma delas foi com Eglacy Sophia, referência nacional em estudos de amor patológico e supervisora do Ambulatório Integrado de Transtornos do Impulso (AMITI), no Hospital de Clínicas em São Paulo. Em seguida, tentei contato com a Associação Brasileira de Psiquiatria, que reencaminhou meu pedido à Associação Catarinense de Psiquiatria(ACP). A partir deste intermediário, conversei com o psiquiatra Marcelo Calcagno, membro da diretoria da ACP. Também por indicação da ACP, entrevistei a psiquiatra e especialista em sexualidade humana e dependência química, Alessandra Diehl.

As entrevistas que gostaria de ter feito e que não tive êxito foram com pesquisadores internacionais. Entrei em contato com Helen Fisher, Louann Brizendine, Patrícia Faur e Donatella Marazziti por e-mail. Mesmo tendo enviado para os e-mails pessoais e das respectivas universidades em que desenvolvem seus estudos, só obtive resposta de Donatella Marazziti. Ela negou a entrevista sugerindo pesquisar as respostas para meus possíveis questionamentos em seus livros. Quanto à Helen Fisher, utilizei falas de sua palestra *Why we love, why we cheat*, gravada pelo serviço TED. Em relação às demais, e ao autor do livro *Quem ama não adocece*, Dr. Marco Aurélio Dias da Silva(falecido), utilizei suas teses e opiniões e os referenciei na reportagem. Todas as vezes em que as considerações desses pesquisadores não entrevistados foram diretamente citadas, tomei o cuidado para que os livros onde as encontrei estivessem identificados de maneira clara e honesta.

Embora tenha acompanhado reuniões nas cidades de Curitiba e Porto Alegre, como consta no resumo deste relatório, o foco da reportagem é na região sul do país.

Os encontros do MADA em Florianópolis estão suspensos. Assim sendo, entrevistei a antiga coordenadora das reuniões. A escolha por não ir a encontros em outros locais do Brasil deve-se, majoritariamente, a questões financeiras e a uma certa homogeneidade na estrutura dos encontros das três capitais do sul. A essa decisão, soma-se o pressuposto de proximidade (Lage, 2011) em que o homem se interessa por o que está próximo. Portanto, preferi focalizar a apuração para que a reportagem fosse mais específica e menos generalista.

Este critério regional se refere apenas a fontes diretamente relacionadas aos encontros do MADA. A escolha dos pesquisadores, especialistas e teóricos de temas associados ao “amar demais” baseou-se na relevância e na qualidade de seus respectivos trabalhos, sem levar em consideração a proveniência geográfica deles.

4.2.1 Fontes

Em respeito aos preceitos de anonimato do grupo, os nomes de todas as mulheres do MADA foram alterados. Foi um acordo feito no início do processo de apuração e a condição *sine qua non* para a realização deste trabalho.

O foco das entrevistas não foi traçar um perfil das mulheres, mas sim fazer um recorte sobre os aspectos MADA que permeiam a vida delas. No princípio, a maioria delas falava sobre o grupo e os processos de recuperação. Só depois de alguns minutos começavam a contar as próprias histórias. Como narrei anteriormente, a maioria das entrevistas com as MADAs foi feita com papel e caneta, porque se sentiam mais livres, não apenas para contar, mas para expressar seus reais sentimentos e opiniões sobre suas trajetórias e perspectivas individuais.

Dentro do possível, tentei manter um roteiro de questões, mas em muitos momentos preferi deixá-las à vontade em perguntas amplas para melhor perceber os traquejos, as manias e as particularidades de cada uma. Em média, as entrevistas duraram de 60 a 90 minutos. Conforme relatei no item 4.2, também apliquei um questionário em algumas MADAs. Com os médicos, psicólogos e especialistas nos temas relacionados ao grupo, fui mais precisa e objetiva durante as entrevistas. Segui as perguntas programadas e gravei as conversas.

No total, foram 34 pessoas entrevistadas: 28 mulheres do MADA e seis especialistas, sendo dois psicólogos, uma psicoterapeuta, uma juíza e dois psiquiatras.

Nilson Lage (2001) explica que há cerca de sete tipos de fontes jornalísticas: oficiais, oficiosas, independentes, primárias, secundárias, testemunhais e experts. Levando em consideração a variedade de fontes, é importante ressaltar que nessa soma, não estão inclusas as pessoas que facilitaram o contato com as fontes principais e os cinco autores dos livros que cito no decorrer da reportagem. Vale destacar que, no texto, constam apenas 13 das 28 MADAs – E dessas 13, cinco estão em evidência em relação às demais.

5. PRODUÇÃO TEXTUAL

5.1 Redação e revisão

Mesmo sem ter terminado de entrevistar todas as fontes acima citadas, comecei a redação do trabalho na primeira semana de setembro. Iniciei pelos elementos “independentes”: os boxes *Códigos de conduta*, *A culpa é dos hormônios* e a linha do tempo *Tempo de Amor*. Quanto ao principal da reportagem, optei por abrir o texto com o primeiro encontro MADA que acompanhei, porque foi também a estreia de Clarice no grupo. Sendo assim, tentei mostrar não apenas sua trajetória e impressões iniciais, mas também a dinâmica de funcionamento da reunião com o uso de recursos de descrição e narração. A partir deste texto inicial, montei um organograma com os temas que pretendia abordar. Depois que todas as entrevistas tinham sido feitas, reordenei esse organograma e dividi a reportagem em blocos que evidenciam alguma mulher em específico.

Durante o mês de setembro finalizei toda a apuração e apenas em outubro me concentrei única e exclusivamente à escrita. Embora a professora Daisi Vogel, minha orientadora, tenha aprovado a abertura, tive dificuldades para equilibrar o caráter dos textos seguintes. A professora Daisi e eu conversamos pessoalmente sobre todas as versões do texto. Mesmo que isto tenha extrapolado o cronograma de redação, corriji e reescrevi sem vaidades ou apegos.

À princípio, escrevi o material cogitando a possibilidade de estruturá-lo em intertítulos. Porém, quando terminei de redigir, percebi que tal opção não se manteria. A principal justificativa deve-se ao fato da reportagem estar calcada nas mulheres que participam do MADA e, sendo assim, as chances de rotulá-las ou classificá-las através dos intertítulos seriam bastante significativas. Preferi não arriscar a cair no maniqueísmo, porque meu objetivo como repórter é justamente o contrário: contar as

histórias, apresentar o grupo e discutir os problemas relacionados ao amar demais sem preconceitos ou códigos restritivos, como provavelmente aconteceria com a utilização dos intertítulos. Levei esse questionamento à minha orientadora, ela concordou e sugeriu como solução gráfica na divisão da reportagem o uso de capitulares a cada início de bloco.

Finalizei a escrita e a revisão deste Trabalho de Conclusão de Curso na primeira semana de novembro. O texto final tem 60 mil caracteres.

5.2 Estilo do texto

Desde o princípio da graduação, as reportagens descritas e narrativas despertam meu interesse. Embora, no cotidiano da profissão, sejam raras as oportunidades de nos dedicarmos a textos dessa natureza, vi neste trabalho a possibilidade de escrever sem o costumeiro engessamento característico de alguns gêneros jornalísticos. Sendo assim, um dos inúmeros motivos para escolher um tema de caráter comportamental para realizar o meu TCC deve-se ao potencial narrativo inerente ao assunto que decidi tratar.

Sem esquecer do inexorável compromisso que o jornalista tem com a realidade, diferente do escritor que escreve ficção, é importante ressaltar os preceitos de Elizabeth Bird e Robert Dardenne (1993), em *Mito, registro e “estórias”*: *explorando as qualidades narrativas das notícias*, de que as formas narrativas são mais do que construções literárias, elas dão às pessoas esquemas de perspectivarem o mundo. Inclusive, a narratividade dá mais visibilidade aos fatos e, conseqüentemente, estímulo aos leitores.

Despertar e, o mais difícil, manter a atenção dos leitores sem deixar o texto burocrático ou apático foi o meu maior zelo durante a escrita desta reportagem. Para isso, investi no detalhamento das conversas, das reuniões e, muitas vezes, utilizei verbos de ação.

O que caracteriza cada um desses períodos (dessas sequências narrativas) é a sucessão de verbos de ação: quando se reportam ao mundo real, eles estão no modo indicativo, que corresponde à série cronológica dos eventos; quando se referem a mundos possíveis, precedidos de alguns verbos proposicionais (duvidar, temer, etc.), estão no modo subjuntivo. A palavra *e* (o conectivo) significa, *e depois*, em lugar de *e também*, como acontece em geral nas exposições, descrições e dissertações. (...) A série de núcleos verbais com verbos de ação, um remetendo ao outro, dispostos linearmente conforme a ordem dos eventos, constitui o esqueleto da sequência narrativa. (LAGE, 2005, p. 50)

Os textos desta reportagem seguem a norma padrão de escrita da língua portuguesa. No entanto, nem todos correspondem à norma culta. As falas das mulheres do MADA são fiéis às entrevistas, não apenas no que se refere ao conteúdo, mas à forma. Por querer manter a personalidade e o aspecto confessional dessas falas, optei por preservar sua coloquialidade, respeitando o idioma. A diferenciação desses trechos em itálico foi sugestão da professora Daisi para, não apenas distinguir a norma culta da norma padrão e sinalizar a fala, mas para evitar o constante uso de aspas e apóstrofes, visto que na maioria delas há menções a diálogos ou elementos que necessitam de aspas.

5.3 Edição e Diagramação

Assim que todos os textos estavam devidamente corrigidos, os enviei para minha amiga e designer Rebecca Caron, responsável pela diagramação desta reportagem. Por ela não morar no país, as conversas sobre estruturação dos elementos de edição, organização das fotos que fiz durante as reuniões, disposição dos boxes e da linha do tempo aconteceram via Skype.

Obtei por um estilo de diagramação leve, que evidencie primordialmente o texto e contextualize o leitor sobre o ambiente MADA. Embora eu acredite na qualidade gráfica deste material, prefiro ser avaliada pelo seu conteúdo informativo textual jornalístico e não pela diagramação.

5.3.1 Orçamento

Alguns itens utilizados na produção da reportagem são de uso pessoal e não foi necessário comprá-los especificamente para este fim. A estadia tanto em Curitiba como em Porto Alegre aconteceu na casa de amigos, não gerando qualquer despesa. O custo da reportagem se restringiu, portanto, aos gastos com transporte (Florianópolis, Curitiba e Porto Alegre), alimentação no período de apuração fora de Florianópolis, mais os itens de produção e pós-produção, gerando assim um total de R\$1000,36 , pagos com recursos próprios.

CATEGORIA	DESCRIÇÃO	VALOR
------------------	------------------	--------------

EQUIPAMENTO	Gravador de áudio; Câmera Digital Sony Cyber-Shot 16.2 MP HD	Acervo pessoal
TRANSPORTE	Passagem de ônibus Florianópolis- POA;	R\$87,00
	Passagem de ônibus POA- Florianópolis;	R\$99,94
	Passagem de ônibus Florianópolis- Curitiba;	R\$69,46
	Passagem de ônibus Curitiba- Florianópolis;	R\$71,56
	Custo de locomoção em Porto Alegre;	R\$60,00
	Custo de locomoção em Curitiba;	R\$60,00
	Custo de locomoção em Florianópolis;	R\$20,00
PRODUÇÃO	Alimentação em Porto Alegre durante quatro dias;	R\$200,00
	Alimentação em Curitiba por dois dias;	R\$100,00
	Entrevistas por telefone interurbano;	R\$50,00
	Impressões e fotocópias;	R\$20,00
PÓS-PRODUÇÃO	Impressões da reportagem	R\$162,40
TOTAL		R\$1000,36

6. IMPRESSÃO

Assim que a diagramação foi finalizada, imprimi uma versão teste da reportagem para corrigir eventuais erros nos elementos de edição, infográficos, posicionamento das fotos e paginação. Essa impressão piloto foi bastante útil para revisar, mais uma vez, erros de digitação e ortografia.

Em seguida, após ter feito alguns ajustes, imprimi quatro cópias da reportagem e deste relatório. Entreguei os exemplares para os membros da banca com uma semana de antecedência. Uma das versões guardei comigo para possível consulta no momento da apresentação.

7. DIFICULDADES E APRENDIZADOS

Fazer um TCC, por si só, é um desafio: a escolha do tema, a pesquisa, a apuração, a escrita de um material em um tamanho nunca antes escrito, o respeito a um cronograma amplo, porém não muito flexível etc.

Mais que as barreiras intrínsecas à realização de um Trabalho de Conclusão de Curso, minhas principais dificuldades se referem às fontes. Como narrei no item 4.2.2, o contato inicial com as unidades do MADA foi penoso. Mesmo depois de conseguir conversar com os membros do grupo, também tive que seguir uma série de restrições para respeitar o anonimato da “irmandade”. Inclusive, a de não anotar durante as reuniões. Ficar sentada escutando as histórias das participantes, apenas assistindo aos encontros, foi um grande exercício de observação e paciência.

O fato de estar inserida em um meio a qual não pertencço, cuja razão primordial de ser é o sentimento de identificação, me obrigou a ter uma dose extra de jogo de cintura. Mesmo tendo deixado as minhas intenções jornalísticas muito claras, algumas MADAs me perguntavam o que tinha acontecido comigo, por que eu estava ali e se queria falar durante a rodada de depoimentos.

Como os temas amor, relacionamento e dependência são muito vastos e têm um enorme potencial para serem tratados de forma pedante e piegas, custei um pouco para estruturar a reportagem. Soma-se a isso, a falta de unidade do MADA e a ausência de dados e estudos sobre o grupo.

No entanto, acredito que as dificuldades vêm acompanhadas de bons ensinamentos. Além de aprender a lidar com as questões práticas mencionadas que exigiram muita paciência e persistência, precisei aprender a lidar com as emoções no âmbito jornalístico – não apenas as minhas, mas dos outros também. Durante as entrevistas, a maioria das MADAs estava emocionalmente desestabilizada. Muitas tinham raiva e arrependimento, outras incrédulas ou envergonhadas de terem vivenciado

o que contavam, algumas anestesiadas, quase sem forças de vencer a própria dependência ou obsessão.

Após o término de cada uma das entrevistas, eu saía exausta. Foram experiências de aprendizado único. Precisei ser sensível, mas ao mesmo tempo imparcial e forte para não parecer tendenciosa, insensível ou sensível demais. Foram histórias de vida que, de alguma maneira, me ensinaram sobre o peso das escolhas e a construção de identidade, me ajudaram a compreender a dificuldade dessas MADAs e me abriram (ainda mais) os olhos para o poder das mulheres.

Espero que *Mal de amor: a dependência e a obsessão das mulheres que ama demais* sirva para que as pessoas possam conhecer esse ambiente anônimo do MADA, se despir dos estereótipos não apenas do grupo, como de gênero, e a entender os traumas e os fantasmas das frequentadoras.

Que este trabalho seja uma contribuição jornalística na luta contra o preconceito contra as mulheres e que ajude a difundir o pensamento crítico sobre independência e liberdade femininas. Porque embora essas mulheres cheguem ao MADA chorando por alguém, tentado reconquistar um companheiro ou brigando contra a própria obsessão, elas estão reunidas, acima de tudo, em busca de amor próprio.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BIRD, Elizabeth; DARDENNE, R.. **Mito, registro e “estórias”: explorando as qualidades narrativas das notícias**. In: TRAQUINA, Nelson (org). *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. Lisboa: Vega, 1993.
- BRIZENDINE, Louann. **Como as mulheres pensam**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.
- FAUR, Patricia. **Amores que matam**. Porto Alegre: L&PM, 2008.
- FERREIRA, Carolina Branco de Castro. **A dádiva entre estranhos: um estudo de grupos anônimos de ajuda mútua**. Artigo apresentado no XXII Encontro Anual de Antropologia e Ciências Sociais, em Caxambu, outubro de 2008. Disponível em: <http://portal.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=2663&Itemid=230> Acesso: 19/04/2014.
- GODBOUT, Jacques; CAILLÉ, Alain. **O espírito da dádiva**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1999.
- LEWIS, Jon (Org). **O grande livro do jornalismo**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.
- LAGE, Nilson. **Ideologia e técnica da notícia**. Florianópolis: UFSC - Insular, 2001.
- LAGE, Nilson. **Teoria e técnica do texto jornalístico**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.
- NORWOOD, Robin. **Mulheres que amam demais**. São Paulo: Editora Best Seller, 1985.
- SILVA, Marco Aurélio Dias da. **Quem ama não adoece**. São Paulo: Editora Best Seller, 2000;p.203.
- SOPHIA, Eglacy Cristina. **Amor patológico: aspectos clínicos e de personalidade**. São Paulo, 2008, 117p. Dissertação(Mestrado em Psiquiatria). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- WERNECK, Humberto; **A arte de sujar os sapatos**, Inn: TALESE, Gay. **Fama & Anonimato**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004; p.524.
- WOLFE, TOM. **Radical chique e o novo jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005

